



BULLYING NO ESPAÇO ESCOLAR

Vivências e Reflexões

SILVA, Debora Patricia Vinchiguera¹

ALMEIDA, Tainara²

PIRES, Marcia Marchesan³

Data de protocolo: 16/12/2021

Data de aprovação: 16/12/2021

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade conhecer, compreender e refletir as práticas de bullying dentro do ambiente escolar. A motivação para a pesquisa, foi em razão da nossa vivência escolar, em que, fomos vítimas dessa violência. A metodologia utilizada teve como base o projeto “Quem pratica o bullying, é vilão ou vítima?”, desenvolvido na disciplina de seminário, depois pesquisa quantitativa com formulário aplicado via o aplicativo google meet. Relata ainda, quem são os envolvidos nos casos de bullying, e assim considera os aspectos legais e culturais, aplicado por nós acadêmicas do Curso Pedagogia da FAMPER- Faculdade de Ampère, especificamente na instituição Escola Estadual Marquês de Maricá, no 6º anos do Ensino Fundamental- Anos Finais, localizada no município de Santa Izabel do Oeste, Paraná. Assim como, levanta as referidas situações problemas que ocorrem no espaço escolar, além disso, apresenta relatos de alunos que sofrem ou já sofreram algum tipo de bullying, destaca ainda, possíveis soluções para amenizar os casos que ocorrem e apresenta autores que dialogam e refletem acerca deste tema.

Palavras chave: Bullying. Violência. Escola. Prevenção. Vitima.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da FAMPER- Faculdade de Ampère.

vinchigueradeh@gmail.com

² Graduanda do curso de Pedagogia da FAMPER- Faculdade de Ampère.

tainara_al@hotmail.com

³ Graduada no curso de História da URI- Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Psicopedagogia Clínica e Institucional, Gestão, Supervisão e Orientação Escolar.

marciapires80@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A preocupação com o bullying começou em meados da década de 70, tendo sido a Suécia o primeiro País a estudá-lo. Na década de 80, em 1982 teve seu ponto inicial na Noruega, pais e professores se utilizaram durante anos dos meios de comunicação para tornar público a sua preocupação com o bullying. No final de 1982, ocorreu uma tragédia ao norte daquele país que marcou a história do bullying nacional. Três crianças com idade entre 10 e 14 anos se suicidaram.

Logo após, as investigações concluíram que elas resolveram se matar porque foram submetidas a situações de maus-tratos pelos colegas da escola onde estudavam. No ano seguinte, em resposta a grande mobilização nacional fruto desse acontecimento, foi realizada uma ampla campanha com o objetivo de combater o bullying escolar. Esses atos de violência podem envolver um ou mais tipos de bullying: O bullying físico, moral, psicológico, material, verbal, cyberbullying e social.

Considerando as consequências que essa violência provoca na vida das pessoas, Lopes afirma

Pessoas que sofrem bullying quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a criança frequentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antissociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros.

Desta forma, essas agressões ultrapassam o período escolar e se perpetuam ao longo da vida, tanto das vítimas, como também dos agressores. É no ambiente escolar que as crianças e adolescentes passam a maior parte do tempo, onde ocorre o encontro de crianças com as mais diferentes vivências sociais, culturais e econômicas. Porém, por mais que na escola tenha certa conscientização sobre a importância do respeito ao outro, ainda tem-se neste âmbito uma grande manifestação da intolerância: o bullying.

2 DESENVOLVIMENTO

A palavra bullying tem origem na língua inglesa. “Bully” significa “valentão”, e o sufixo “ing” representa uma ação contínua, designa um quadro de agressões contínuas, repetitivas, com características de perseguição do agressor contra a vítima, pode acontecer no condomínio, na vizinhança, mas o local onde mais acontece esse tipo de crime é na escola.

Fatores sociológicos e psicológicos explicam esse fenômeno: É na escola onde os jovens passam grande parte de seu tempo, onde existem diferentes culturas e diversas classes sociais, onde os conflitos são nítidos entre os que ocupam esse ambiente.

A instituição escolar é corresponsável nos casos de bullying, os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes, a direção da escola (como autoridade máxima da instituição) deve acionar os pais, os conselhos tutelares, os órgãos de proteção à criança e ao adolescente etc. Caso não o faça poderá ser responsabilizada por omissão[...](SILVA, 2010, p.12).

Posto isso, é de suma importância, que gestores, professores e demais funcionários fiquem atentos às situações que geralmente ocorrem durante o recreio, na entrada e saída da escola, nos intervalos das aulas com empurrões e pontapés, insultos, circulação de boatos humilhantes, apelidos que ferem a dignidade e existência da outra pessoa, circulação de imagens (inclusive pela internet), ameaças presencialmente e por mensagens, exclusão de atividades sociais ou pedagógicas.

No recreio, encontram-se isoladas do grupo ou perto de alguns adultos que possam protegê-las, na sala de aula apresentam postura retraída, faltas frequentes às aulas, mostram-se comumente tristes, deprimidas ou aflitas, nos jogos ou atividades em grupo sempre são as últimas a serem escolhidas ou são excluídas, aos poucos vão se desinteressando das atividades e tarefas escolares, e em casos mais dramáticos apresentam hematomas, arranhões, cortes, roupas danificadas ou rasgadas. (SILVA, 2012, p. 10)

Partindo desse contexto, para o combate contra o bullying acontecer, inicialmente, a escola deve reconhecer a existência dele na instituição, também, por ser histórico e de enorme complexidade. Posteriormente, se faz necessário que

ocorram debates, palestras e campanhas promovendo a conscientização dos alunos sobre respeitar e ter empatia com as diferenças e limitações de cada ser.

Em situações que envolvam atos infracionais (ou ilícitos) a instituição também tem o dever de fazer a ocorrência policial. Dessa forma, os fatos podem ser devidamente apurados pelas autoridades competentes e os culpados responsabilizados. Tais procedimentos evitam a impunidade e inibem o crescimento da violência e da criminalidade infanto-juvenil (SILVA,2015, p.12).

2.1 CONCEITO DE BULLYING

Segundo a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à infância e à Adolescência (ABRAPIA) a definição de bullying seria os comportamentos que:

[...] compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima (ABRAPIA apud NUNES, HERMANN e AMORIM, 2009, p. 2).

As vítimas de bullying na maioria das vezes sentem vergonha ou medo de falar para a família, recusa de ir para a escola, falta de apetite, isolamento, insônia, dor de cabeça e queda no desempenho escolar. Essas agressões sofridas marcam para sempre a vida da vítima, muitas vezes elas tendem a recorrer à terapia e o apoio familiar para se livrar dos traumas causados por pessoas que simplesmente não aceitam as outras como são, e do mal que isso causa.

Com base no combate à violência no ambiente escolar, no ano de 2015 o Congresso Nacional Brasileiro decreta a Lei:

Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), e a Presidenta da República Dilma Rousseff sanciona a Lei nº. 13. 185/2015, a qual no “Art. 10 Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional” (BRASIL, 2015).

Segundo esta lei, qualquer pessoa que tomar conhecimento de uma vítima de bullying pode formalizar a denúncia junto à direção da escola, na Secretaria da Educação, no Conselho Tutelar, no Ministério Público ou na Polícia Civil.

O Programa traz dispositivos surpreendente para a prevenção e enfrentamento desse problema, a Lei nº 13.185/2015 assegura os direitos à saúde e ao respeito de crianças e adolescentes, e apresenta mecanismos capazes de prevenir e combater esse tipo de violência que tanto afeta os jovens em sua esfera física, psíquica e moral. O Art. 5º da Lei n. 13. 185/2015 destaca que:

Passa a ser legal dos estabelecimentos de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização recreativas, assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnóstico e combate à violência e à intimidação sistemática (bullying) (BRASIL, 2015).

Ainda a Lei nº 13.185/2015 destaca que deve-se combater a prática do bullying, capacitar docentes e equipes pedagógicas, implementar práticas pedagógicas sobre o assunto, orientar os pais ou responsáveis sobre a importância da prevenção, bem como apresenta os objetivos do programa contra o bullying os quais são:

- I - prevenir e combater a prática do bullying em toda a sociedade;
- II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
- III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;
- IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;
- V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;
- VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo. (BRASIL, 2015).

Em vista de se tratar de uma lei recém-instaurada, não são muitos os estudos pedagógicos que a avaliam. Segundo Palma (2015, p. 2), “[...] o tema apesar de atual ainda não tem uma grande repercussão como objeto de pesquisa, o que dificulta a discussão deste no âmbito acadêmico”. Porém o que percebe-se, é um aumento significativo de produções envolvendo artigos, pesquisas de campo e intervenções pedagógicas relacionadas a esse tema.

Muitas instituições escolares procuram parcerias junto a sociedade e as Universidades e Faculdades no ensino superior para promover discussões acerca

deste tema que levem a qualificação de docentes e equipes pedagógicas conforme os objetivos do Programa de Combate ao Bullying descrita no art. 4º.

- I. prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (bullying) em toda a sociedade;
- II. Capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema (BRASIL, 2015).

A família também possui um papel fundamental contra o bullying, é dever da instituição escolar informar os pais ou responsáveis sobre as situações vivenciadas no ambiente escolar, visto que, na maioria das vezes a vítima não verbaliza seus sofrimentos, humilhações ou agressões, seja por vergonha, medo ou então, por não terem conhecimento de seus direitos, assim os pais ou responsáveis ficam impossibilitados de ajudar.

2.2 OS DIFERENTES PAPÉIS NO CENÁRIO DO BULLYING

Nota-se que, a se referir ao bullying, os indivíduos vêm sofrendo alguma agressão, seja ela física, moral, verbal ou psicológica, pois, não é somente na fala que a vítima se manifesta, podemos notar um olhar triste, muitas vezes por se sentir diferente dos demais, sempre se dá de forma contínua entre vítimas e agressor, e o pior de tudo, é intencional.

Trata-se assim, de comportamento agressivos exercidos por um indivíduo ou por um grupo de indivíduos sobre outro, e pode compreender práticas tais como... chatear/pegar constantemente com colegas; insultar relativamente à sua forma de vestir; à sua raça, ou seu corpo; levantar rumores, contar histórias sobre o (a) colega para que outras crianças não lhe falem ou brinquem mais com ele(a); ameaçar, amedrontar; extorquir dinheiro; bater, empurrar, pontapear, etc. (BARBOSA, 2011, p.35).

Como dito, o problema manifesta-se de inúmeras formas. Na maioria das vezes, há uma associação ou simultaneidade entre os atos que caracterizam os diferentes tipos de bullying.

Imagem 1: O agressor



FONTE: <https://www.kean.edu/~schandle/Students/LNerilo/what%20is%20cyberbullying.htm>

Quem é o agressor? É criança que agride a outra, supostamente mais fraca, com o objetivo de machucar, prejudicar ou humilhar, sem ter havido provocação por parte da vítima. Na tabela abaixo, destacam-se as principais características do agressor:

Atos de violência recorrentes e repetitivos.
Perfil agressivo, raivoso e provocador.
Manifesta preconceito diante de escolhas, comportamentos, opiniões e características físicas diferentes das suas.
Age de modo individual ou coletivo.
Os alvos são, com frequência, as mesmas pessoas.
Em geral, é admirado por um grupo específico de colegas e exerce papel de liderança sobre eles.
Passa impressão de extrema autoconfiança.
Importunas pessoas que consideram frágeis ou vulneráveis, isto é, que não representam ameaças.

Imagem 2 : A vítima



<https://www.o-que-e.com/o-que-e-bullying-fisico/>

Quem é a vítima? É a criança que é constantemente agredida pelos colegas e, geralmente, não consegue cessar ou reagir aos ataques (Lopes, 2005). Apresenta-se mais vulnerável à ação dos agressores por algumas características físicas, comportamentais ou emocionais. Na tabela abaixo, destacam-se as principais características da vítima:

Representa mudanças súbitas de comportamento.
Tem dificuldade de socialização em contextos diferentes dos que está acostumada.
Volta da escola com machucados, roupa sujas ou rasgadas, materiais danificados, sem justificativa convincente.
Começa a ter fobia escolar e manifestar desejo de trocar de escola.
São observados problemas de comunicação, timidez excessiva, sintomas de ansiedade, medo e pânico.

Indica ter uma baixa autoestima e autoconfiança.

Imagem3: Bullying Físico



<https://stop-bullying-please.weebly.com/about.html>

É definido pelas agressões físicas sofridas pela vítima. Esses atos de violência acontecem de modo frequente em têm como alvo sempre os mesmos indivíduos, caracterizando o bullying. A vítima é constantemente alvo de socos, chutes, tapas, puxões, imobilizações e estrangulamentos.

Imagem 4: Bullying Moral



Fonte: <https://blog.portabilis.com.br/bullying/>

Nesses casos a vítima é exposta a episódios de humilhações, que envolvem questões morais. A vítima sofre com calúnias ou difamações em que indivíduos ou grupos atentam contra seus princípios e valores. É comum que a pessoa que sofre esse tipo de agressão seja ridicularizada, imitando ou usando trejeitos próprios do alvo como armas.

Imagem 5: Bullying Psicológico



Fonte: <https://blog.portabilis.com.br/bullying-como-abordar-na-sala-de-aula/>

O bullying psicológico, em geral, funciona como ameaça de violência ou algum tipo de chantagem. Com isso, a vítima é levada a praticar ações de acordo com os interesses de seu agressor. Esse tipo de bullying é caracterizado pelo medo ou pela necessidade de aceitação em um grupo que dão a impressão para quem está de fora, que são ações voluntárias como: Dividir ou doar um lanche, furtar algo para outra pessoa, submeter-se a situações de risco, etc.

Imagem 6: Bullying Social



Fonte: <https://www.vectorstock.com/royalty-free-vector/social-and-cyber-bullying-in-school-concept-vector-29062840>

A vítima tem a sua participação negada em grupos de trabalho, tarefas ou eventos sociais, desenvolvendo uma percepção de inadequação ou isolamento. O bullying social tem como fundamento a necessidade de adequação ou pertencimento a um grupo (social).

Imagem 7: Cyberbullying



Fonte: <https://www.istockphoto.com/br/vetor/bullying-cibern%C3%A9tico-gm1057967700-282737888>

O cyberbullying está presente na internet e em redes sociais. Nesses eventos, é muito comum que o anonimato dos agressores se baseie na utilização de perfis falsos (fakes), dos quais são enviados uma série de mensagens que têm como objetivo humilhar, difamar ou atentar contra a integridade da pessoa.

Imagem 8: Bullying Escrito



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lucianofr32/6830246026>

Quando bilhetes, cartas, pichações, cartazes, faixas e desenhos depreciativos são usados para atacar os colegas.

Imagem 9: O Bullying Material



Fonte: <https://www.tudodesenhos.com/bullying>

O bullying material ocorre quando a vítima tem, constantemente, bens destruídos, furtados e roubados. Normalmente, é seguido de ameaça ou intimidação.

3 BULLYING, UM PROBLEMA RETRATADO

O bullying, talvez exista há tanto tempo quanto há vida humana. Até cerca de muitos anos atrás era visto como “normal”, um ritual de passagem que crianças e adolescentes deveriam passar e “superar”. Algumas pessoas sofrem relativamente pouco, talvez sejam eles próprios agressores e o bullying produz neles pouco impacto, a longo prazo. Para outros, é um trauma que deixa cicatrizes por toda a vida.

Depoimento 1

-Nossa, está tão magrinha. Está tudo bem? ou então tens de comer mais para engordar, ficar mais bonita, assim ninguém vai lhe notar. Saibam que existem pessoas que ficam psicologicamente afetadas por causa desses comentários. Eu Debora Vinchiguera, ouvi muito dessas frases em minha fase escolar, me olhava no espelho e chorava, pois me sentia feia, estranha, perguntas como “porque sou tão magra”?

Estava com 13 anos de idade que tive minha primeira motivação, uma agência de modelo visitava a escola que eu estudava, juntamente com mais algumas adolescente eu fui convidada a participar de uma campanha fotográfica, foi onde me dei conta que meu biótipo se encaixava em padrão de beleza sim, e despertou o amor próprio, comecei a me aceitar e me amar a cada dia, deixando os comentários maldosos de lado, pois esses não me cabiam mais. Comecei a busca de meus sonhos onde participei de uma campanha de moda infantil, participei do concurso Miss Paraná em 2012, representando minha cidade. No ano de 2013 fui convidada a participar do Miss Brasil World na cidade de Guarapuava- PR, representando meu estado de naturalidade Rondônia- RO, entre 53 candidatas a minha colocação foi 22º, no ano de 2015 fui para São Paulo em busca do meu maior sonho ser Modelo, fui apresentada para uma agência profissional e realizei minhas primeiras fotos e confesso que ficaram incríveis pois eu me amava e me aceitava.

Com isso deixo aqui para todos os leitores a importância de se amar acima de tudo que somos únicos, não existe um padrão de beleza que você deve seguir, e sim estar de bem com si mesmo, estar com uma boa saúde viver bem, pois a vida é curta para perder tempo com algo que não nos acrescenta.”

É comum escutar que existem apelidos entre os indivíduos, pois estão na fase da adolescência, muitas vezes podendo ser considerado bullying, pois quando determinado indivíduo não se encaixa nos padrões de beleza que a sociedade impõe, como por exemplo, excesso de peso, ou por ser magras demais, se a mesma tem um problema na fala, uma mancha no cabelo, o andar que é diferente da maioria naquele âmbito escolar, se não tem um membro do corpo, se tem dificuldade na aprendizagem e também o oposto, quando a pessoa é estudiosa demais, ou seja, tudo é motivo de piada, de bullying, e exclusão.

Depoimento 2

- Eu me chamo Tainara, tive falta de oxigênio no cérebro na hora do parto, por muita sorte ou milagre, a seqüela foi somente na minha perna direita, que ocasionou no desenvolvimento dela mais lento que a perna esquerda. Por isso, eu ia fazer 3 anos e ainda não caminhava, meu pé era virado, antes dos 3 anos foi feita uma cirurgia no nervo do pé direito e finalmente eu consegui caminhar. Meu primeiro contato com o bullying foi ainda ao CMEI, quando um menino me atirava pedras constantemente, todos os dias, por simplesmente uma diferença que eu ainda não entendia, pois, para mim, eu era igual a todas as crianças, mas aquele menino não me aceitava.

Assim como todas as pessoas preconceituosas e agressivas que tive que lidar ao longo da minha vida até aqui. Aos 14 anos fiz outra cirurgia, mas dessa vez na perna esquerda, retirada de um pedaço do osso, onde foi colocada uma platina para interromper seu crescimento e então minha perna direita acompanhar o crescimento da outra, pois, a diferença estava muito grande de aproximadamente 5cm, com a cirurgia foi para 1 cm."

Assinei aquela cirurgia na esperança de poder um dia andar como a maioria das pessoas. Durante minha fase escolar, muitas dessas que me batiam, me humilhavam, me perseguiram, fizeram eu me culpar por ter uma deficiência que eu não escolhi. Por muitos anos eu me olhava no espelho e não aceitava o que via, me sentia um lixo, me perguntava todos os dias: Por que eu sou assim? -Por que comigo? Questionava a minha própria existência! Eu faltava aula, meu desempenho escolar era baixo, eu sentia vergonha de me locomover, desenvolvi ansiedade e ansiedade social, eu não gostava de andar na rua, eu me odiava, isso que o bullying fez na minha vida, ele me destruiu por anos. Foi quando aos 18 anos eu li sobre Simone de Beauvoir em que ela diz: "O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos. " Percebi que quanto mais eu me odiasse, eu estaria de certa forma contribuindo com eles, não se pode combater o bullying enquanto você ainda se odeia. Ler sobre Simone de Beauvoir deu sentido ao meu amor próprio e ao processo de aceitação, tal qual foi árduo, longo e nada leve. Enfim, me aceitei e comecei um relacionamento eterno comigo mesma, aprendi que quando você pára de dar ouvido às vozes de pessoas que praticam o bullying, elas deixam de ter efeito sobre você. Isso não quer dizer que o bullying deixe de existir, mas quando você sente orgulho de quem é, abraçar as suas diferenças, o seu ser e de quem se tornou, o caminho fica mais leve. Existe uma diversidade na Terra e essa

diversidade ainda bem, ela existe. Já pensou se fosse todo mundo igual? Que tédio que seria!"

Diante dos depoimentos, da nossa vivência e saindo de vítimas do bullying para acadêmicas que falam sobre a prevenção do bullying, é um ato de superação pois, apesar dessa violência ter destruído nossas vidas por anos, também foi a descoberta para o nosso amor próprio e motivação para elaboração deste trabalho.

3.1 A BUSCA DE SOLUÇÃO PARA O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

Posto isso, desenvolve-se o interesse e incentivo da discussão sobre o tema bullying no ambiente escolar, tendo como objetivo detectar a presença ou não do deste, quantificá-lo e qualificá-lo a partir dos dados do projeto intervenção.

Este projeto de intervenção pedagógica foi aplicado no Ensino Fundamental Anos Finais da Escola Estadual Marquês de Maricá, situada na Rua Acácia, nº 2043, centro, no município de Santa Izabel do Oeste-PR.

A instituição oferece Ensino Fundamental de 6º ano ao 9º ano, atualmente atende 516 alunos matriculados em 18 turmas sendo atendidos 296 alunos no período matutino e 220 vespertino, bem como, há oferta de salas com metodologias de ensino diferenciadas e atendimento no turno contrário da matrícula.

A oficina foi direcionada e aplicada nas turmas de 6º anos da Escola o primeiro contato com a instituição foi através de mensagem via WhatsApp com a Pedagoga, para marcar uma apresentação do tema "Quem pratica o bullying, é vilão ou vítima?", aprovado pela equipe pedagógica, foi agendado as datas para a aplicação da oficina.

A primeira oficina ocorreu na data do dia 16 de abril de 2021 às 9 horas 15 min até 10 horas 15 min, para a turma de 6º ano "A", aplicada através do google meet, o

segundo dia de oficina ocorreu no dia 23 de abril de 2021 às 16 horas 35 min até 17 horas 20min, para os 6º anos “B e C”.

A primeira pauta da oficina foi indagar aos discentes se sabiam nos explicar o que seria o bullying, alguns nos responderam que são os apelidos, empurrões, foi salientado aos mesmo que existem oito tipo de bullying e explicado cada uma e suas consequências. Foram questionados aos presentes se tinham conhecimento da lei que ampara essa violência.

Questionados os alunos se já haviam sido vítimas de bullying, 40% alegaram que não e outros 60% afirmaram que já sofreram bullying.

Caracteriza-se como ato violentos ridicularizar, discriminar, ofender, zombar com apelidos que ferem a existência do indivíduo e humilhações diversas vezes contra uma pessoa com o intuito de intimidar, agredir e amedrontar outrem, causando sérios danos psicológicos a longo prazo às vítimas.

Nesse sentido, Fante (2005,p.28-29) define bullying como:

um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-o a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas manifestações do comportamento bullying.

O bullying é estabelecido através de uma relação de poder manifestada pela força física, intimidadoras e desigualdades entre agressores e vítimas e acontece sem motivos. Referente à frequência dos ocorridos, coletamos quatro respostas, cujo os resultados foram: 50% responderam que ocorrem às vezes, outros 50% alegaram poucas vezes. A opção “todos os dias” não obteve respostas.

Ainda segundo Fante, caracteriza-se por comportamentos propositais e danosos, que acontecem com determinada frequência contra uma mesma vítima ou grupo e sem uma motivação aparente. Geralmente se estabelece uma relação desigual de poder ou que impossibilita a defesa da vítima. Além disso, acontece de forma direta através das agressões físicas e verbais e de forma indireta pela difamação do agredido. (FANTE, 2005 apud Silva, 2006, p.3).

O bullying se manifesta no ambiente escolar de diversas maneiras, por exemplo: No intervalo das aulas, no recreio, nos corredores, na entrada e saída da instituição e também, nos grupos de redes sociais entre colegas, fazem figurinhas, como forma de ridicularizar a imagem da vítima. Porém, ele pode acontecer fora da instituição, na vizinhança, em sua própria residência pelos seus pais ou algum outro familiar, na rua e em qualquer outro lugar. Com relação em qual local ocorreu o bullying, os quatro indivíduos responderam 100% do que acontece na escola.

Conquanto não podemos responsabilizar somente as crianças, os adolescentes e jovens pelos atos praticados de bullying, deve-se levar em conta o ambiente em que ele está inserido, dentre outros fatores, por isso, é muito importante ter uma parceria concreta entre sociedade, pais e escola para o combate destes atos.

Portanto, entende-se que a criança, o adolescente e o jovem não são os únicos a serem responsabilizados por atos de violência, então, midiaticamente, identificados como bullying, pois, em toda e qualquer espacialidade social, comunitária e familiar em que se encontrem deverão merecer atenção e cuidado especiais (prevenção especial), com o intuito de que sejam integralmente protegidos das práticas ofensivas aos seus direitos individuais (RAMIDOFF, 2013, p. 28).

Em relação ao questionário proposto a eles sobre em qual local da escola o bullying mais acontece, o pátio é onde ocorre maior prática de bullying, levando em conta que é o lugar em que existem mais crianças juntas, na qual há muitas brincadeiras, jogos entre si, as diferenças e peculiaridades de cada um não são respeitadas, pelo contrário, são minimizadas e humilhadas.

É dever da escola, gestores e professores ficarem atentos quando as crianças estão no pátio no recreio e não banalizar e achar que é “brincadeira de criança”, pois, é de extrema importância que o bullying seja levado a sério, é necessário que os profissionais de ensino sejam treinados e conscientizados da gravidade do problema e de suas consequências.

No momento em que constatar o bullying dentro do espaço escolar, faz-se necessário que ocorra uma conversa individualizada com a vítima para que ela

possa contar o fato ocorrido, e com o agressor, pois fazê-lo perceber o quanto errado foi.

Uma vez identificado um caso de bullying, os responsáveis pela escola deverão dar início às entrevistas individuais. O entrevistador precisa ter conhecimento profundo sobre o assunto e muita habilidade para ouvir. Ele deve começar pela vítima, demonstrando total compreensão e disponibilidade para ajudá-la, de forma que ela se sinta segura o suficiente para falar sobre seus sentimentos e suas limitações para fazer frente aos ataques que sofre (SILVA, 2010, p.166-167).

É essencial que eles entendam que o bullying pode acontecer em qualquer momento e com qualquer aluno. Quanto ao ponto específico na instituição escolar que sucedeu o bullying, temos os seguintes dados: 60% no pátio, 20% nos corredores e 20% em outros lugares da dependência. A vítima tende a enfrentar diferentes formas de bullying e cada uma delas causa danos impetuosos e marcantes na vida do aluno. Alguns tipos de bullying são: O físico, verbal, escrito, material, moral e psicológicos. Os resultados são devastadores para as vítimas, levando ao isolamento, depressão e em casos mais extremas à prática do suicídio.

É um fenômeno devastador, podendo vir a afetar a auto-estima e a saúde mental dos adolescentes, assim como desencadear problemas como anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e até mesmo o suicídio. Muitas crianças vítimas do bullying desenvolvem medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam voltar à escola quando esta nada faz em defesa da vítima (GUARESCHI, 2008, p. 17).

De acordo com a pesquisa realizada, no que se refere a situação e insultos que o discente enfrenta, foram obtidas quatro respostas divididas entre: 50% sofrem preconceito ou discriminação, enquanto os outros 50% sentem-se excluídos de algum grupo.

O combate ao bullying envolve uma colaboração ininterrupta entre os pais e a instituição, uma comunicação com os filhos para capacitá-los diante dessa situação. Unidos, família e escola devem reconhecer que o problema existe, buscar informações sobre o problema e reduzi-lo. E para isso, a família deve ter um diálogo com seu filho(a), demonstrar interesse no dia a dia do mesmo, também, ensinar sobre respeito ao próximo, as diferenças de cada indivíduo. A ausência dos pais no cotidiano da criança, tem dificultado a educação dos jovens nos dias atuais.

Nesse sentido, Silva (2006) e Chalita(2008)

acreditam que os pais têm estado cada vez mais ausentes na criação dos filhos e tem delegado o dever de educar, à escola. Negligenciam ainda a educação emocional dos filhos e estes crescem não habituados a dialogar com os genitores. A situação se agrava no momento em que a escola tem se mostrado ineficaz ao lidar com a afetividade, por isso, os estudantes acabam reproduzindo na escola a educação de casa, ou a falta dela, nas relações com os outros por meio da agressividade.

Sendo assim, é de extrema importância que a família entenda a seriedade do bullying, busquem ajuda de profissionais habilitados e juntos tendem a diminuir as consequências que podem ser destruidoras. No que diz respeito ao diálogo em casa, entre o aluno e seus pais/responsáveis sobre ser vítima de bullying no ambiente escolar, obtivemos quatro respostas: 75% alegaram que comunicaram seus pais/responsáveis que sofrem bullying na instituição e 25% afirmaram que não contaram.

Ao serem questionados se o tema bullying é debatido, discutido entre os amigos, colegas ou com outras pessoas, o resultado foi de cinco respostas: 80% afirmaram que não conversam sobre bullying e 20% responderam que dialogam sobre bullying.

É por meio de diálogo que conseguimos a tomada de consciência do problema. Fante (2004) aponta que:

É preciso que nos coloquemos abertos ao diálogo e estabeleçamos uma relação de confiança com vítimas e agressores: “Como é que eu posso te ajudar?”, “Diga-me, vamos pensar juntos, o que nós podemos fazer para resolver essa situação?”. Assim, auxiliamos os envolvidos na violência a encontrar caminhos para a superação do problema.

Portanto, sem uma relação de confiança com os adultos, crianças ou adolescentes não se sentirão seguros para resolver seus problemas, seja sendo vítimas ou agressores. Esta mesma relação pode assegurar a participação efetiva dos envolvidos em situação de bullying e daqueles que são espectadores para uma reflexão sobre seu papel. Neste contexto, professores e alunos podem organizar momentos de discussão de seus próprios problemas, legislar sobre eles apontando possíveis soluções: formando assembleias de classe (Fante, 2004).

Quanto à questão se os alunos veem outros alunos serem vítimas de bullying no âmbito escolar, as percentagens foram iguais às da pergunta anterior. Cinco respostas de: 80% responderam que observam os colegas sofrerem bullying e outros 20% disseram que não.

É muito comum no ambiente escolar um aluno ver o colega ser vítima de bullying e é necessário que eduquemos nossas crianças para nessas situações chamar um adulto, professor, gestores, diretor(a), qualquer outra pessoa responsável e jamais, incitar a violência como forma de defender o colega do agressor. É viável, no entanto, que amparamos as vítimas dando a elas a alternativa de pensar diante daquele momento. Quando questionamos, por exemplo:

“Por que você deixou que ele te agredisse, te machucasse e dissesse essas coisas horríveis? O que você pode fazer para que isso não aconteça novamente?” Estamos cooperando para que a criança tome consciência de seu valor e que ela possa se defender. Enquanto adultos moralmente evoluídos, é preciso que, quando a vítima responder “ Vou agredir ele também”, apontamos para a criança a mesma afirmação decorrente do que elegemos ser melhor: "A violência gera violência, vamos encontrar outro jeito para resolver isso”.

[...] Nessa perspectiva, atuar em prol da prevenção do bullying escolar implica em ir além de campanhas pontuais, grupos de autoajuda ou terapias individuais. É fundamental que os atores sociais participantes da comunidade educativa, tais como a família, educadores, educandos, equipe técnica e funcionários estejam efetivamente envolvidos com as ações voltadas para a redução e eliminação da violência no âmbito escolar, a fim de atingir um único objetivo: auxiliar e acompanhar o aluno em seu desenvolvimento físico, mental e social. Os projetos de intervenção e combate ao bullying precisam garantir que as crianças sejam protagonistas dessas ações, que possam construir identidades autônomas e consigam gostar de si para gostar dos outros (GURPILHARES, 2014, p. 16).

Os dados obtidos revelam que é possível haver conflitos e exclusões entre alunos do 6º ano. É de extrema relevância que os professores, gestores e demais profissionais da educação, ao serem comunicados das práticas de bullying no âmbito escolar, levem a sério, informem os pais/responsáveis da vítima e do agressor sobre o acontecido, amparo e de toda assistência a vítima. Segundo Sá (2010)

Todos devem estar comprometidos de que o bullying não será mais um fato tolerado, e as estratégias para essa mitigação devem ser definidas em cada escola, observando-se as características da comunidade da qual está inserida. O incentivo aos alunos, abrindo espaço para a participação em decisões e no desenvolvimento de projetos é uma garantia em obter sucesso.

Referente à atitude do aluno que ver o colega sofrendo bullying, não tentem resolver sozinhos com violência e, não compactuam com o agressor como forma de se sentirem superiores ou por querer fazer amizade com o grupo do provocador e até mesmo por medo de sofrerem bullying ou agressão também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, devemos ter a consciência de que a violência escolar não é uma tarefa simples de ser resolvida, é uma situação histórica e de grande complexidade. Outro fator preocupante é que a violência está enraizada em nosso cotidiano, ao ponto de ser vista pela sociedade como algo natural, aceitável ou que não pode ser mudado, gerando comodismo frente ao fenômeno bullying.

O presente trabalho procurou trazer as variadas faces da violência escolar, evidenciando o bullying. E no que diz respeito dentro do espaço escolar, é necessário a sua superação e não reconhecer numa visão simplista de que começa e termina na escola, que é apenas "brincadeirinha" entre os alunos. A prevenção da violência escolar demanda esforços sobre que caminhos seguir para uma socialização da instituição com os alunos, professores e comunidade em geral. A parceria entre família e escola é fundamental para o combate ou a possível diminuição do bullying.

É fundamental ressaltar a LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015, de aplicação nacional, e que constitui um verdadeiro marco quanto a visibilidade acerca do tema. Nota-se ainda que exista uma incompatibilidade entre a Lei e a realidade do ambiente escolar, pois é algo característico das relações das vítimas o medo da violência, conforme já fora demonstrado no decorrer da pesquisa, em que adolescentes sentem insegurança em conviver de forma pacífica uns com os outros.

O papel da escola, da família e da comunidade, onde se inserem crianças e adolescentes, tem papel fundamental na contribuição da descoberta do sujeito, isso também se faz necessário para que se possa conhecer quem está ao seu lado, dessa forma compreendendo e respeitando as diferenças, atitudes e reações do outro (FANTE e PEDRA, 2008). Na escola, portanto,

É indispensável uma relação respeitosa entre alunos e professores, de forma a garantir possíveis trocas de ambas as partes e liberdade de expressão aos alunos. Muitas escolas promovem atividades e jogos em grupo como rodas de conversas, nas quais os alunos possam expor suas ideias sobre diferentes assuntos, incluindo violência, preconceito e exclusão (GUARESCHI, 2008, p. 77).

Nesse sentido, as possibilidades de prevenção do bullying escolar vão além de campanhas de conscientização, grupos de autoajuda ou terapias com psicólogos individuais. É essencial valorizar os trabalhadores da educação, apoiar e incentivar a formação continuada, estimular práticas pedagógicas comprometidas com a valorização das diferentes culturas, costumes, crenças, identidade de gênero, orientação sexual, entre outras.

Também, proporcionar a interdisciplinaridade, a consolidação dos direitos humanos e a transformação da sociedade e, no que diz respeito à comunidade escolar, possibilitar o acesso a informações sobre a temática violência escolar e bullying, incitar o diálogo, o respeito à criança e o adolescente e aos seus direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÁPIA apud NUNES, HERMANN e AMORIM, 2009, p. 11932.

BARBOSA, A. G; LOURENÇO, L. Moura; Pereira. B. Bullying Conhecer e Intervir. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. 127p

GUARESCHI, A. P. SILVA, M. R. da. (Coord.) **Bullyng Mais Sério do que se imagina**. 2. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, EDIPUCRS, 2008.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm

<https://veja.abril.com.br/brasil/atirador-de-realengo-sofria-bullying-no-colegio-diz-ex-colega/>

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/02/criado-por-lei-o-dia-nacional-de-combate-ao-bullyin>

https://docs.google.com/forms/d/1rZmHORBNbuEZMtNIVdm9AKO5T1ZnaC7_GsEw_bv3n5n0/edit#responses

Lei 13185-06 de novembro de 2015. Disponível em:

<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/253144600/lei-13185>

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. 2.ed. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, A. B. “bullying”: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, A. B. B. Bullying: justiça nas escolas. Brasília: 2010